

MAFALDA
SANTOS



AQUILO
QUE O SONO
ESCONDE



Para o David



Neste QR code encontrará uma música que foi composta especialmente para este livro pelo músico e compositor Artur Guimarães. Ela encerra o tom e o ambiente da história em que está prestes a mergulhar.

Sinta-se à vontade para a ouvir antes de começar esta leitura, durante a mesma, ou em qualquer momento do seu dia, em que estas pinceladas de mistério, fragilidade e esperança façam sentido.

Sono, essa deplorável redução do prazer da vida.

VIRGÍNIA WOOLF

1

Não era preciso conhecê-lo para saber aquilo de que era capaz. Bastava andar por perto durante algum tempo e observar. Era o tipo de coisa que não se via, mas que se sentia.

Também não se pode dizer que ele se esforçasse muito para disfarçar o enorme vazio que lhe ia dentro. Tinha uma namorada chamada Isabel, muito magra e com ar doente, a quem andava há vários anos a prometer casar, apesar de não ter a mínima intenção de vir a cumprir essa promessa. Ia ter com ela uma vez por semana, levava-lhe uma caixa com bolos ou uma flor e, ao fim de uma hora, depois de cumprida a urgência biológica, dava-lhe um beijo na testa e ia-se embora.

Cada um é para o que nasce, como se costuma dizer, e ele, sem dúvida, era mais talhado para beber sozinho, enquanto examinava à lupa e à pinça os milhares de selos da sua coleção, do que para a monótona placidez de uma família.

Tinha cinquenta e dois anos e era corretor numa agência de seguros, o que significava que passava a maior parte do tempo a responder a *e-mails*, dizendo que infelizmente e pelo motivo A, B, C ou D, a seguradora não se responsabilizava pelo dano, não havendo lugar a indemnização de qualquer tipo. Sendo que o dano tanto podia ser o de uma viatura acidentada, ou o da vida perdida do condutor, da casa ardida, ou da família incinerada.

A resposta era quase sempre igual: *Caríssimos senhores, de acordo com o disposto na alínea tal e tal no artigo tal, não vos vamos dar porra nenhuma.*

Jaime, ele chamava-se Jaime, e trabalhava na seguradora há onze anos. Ao início, perturbava-se ao ver o desespero das pessoas

quando percebiam que não iam ter direito a nada, mas com o tempo essa disposição desaparecera e passara a reagir com uma frieza desconcertante.

Jaime gostava do que fazia e vestia a camisola da empresa.

Tinha ganho três vezes o prémio de colaborador do ano e, de cada vez que não podia evitar que a seguradora pagasse uma indemnização, sentia-o como uma derrota pessoal, como se o dinheiro pago lhe saísse do bolso e não da conta da gigantesca multinacional em que trabalhava.

A sua secretária ficava junto à janela, no quarto piso do edifício, no departamento de rejeições. Partilhava uma ilha com três colegas: Amélia, Solange e Sandra, por quem não nutria qualquer tipo de simpatia. Amélia, que parecia ter idade para ser sua mãe, tinha uma voz gutural e arranhada devido ao excesso de tabaco, coisa que possuía o condão de o tirar do sério. Sandra era uma estagiária de vinte e um anos, com óculos fundo de garrafa e sem qualquer tipo de interesse por coisa nenhuma, e Solange, sentada mesmo de frente para ele, irritava-o por ser uma gorda com uma cara extremamente bonita.

Jaime pensava muitas vezes que se Solange não se tivesse deixado ficar tão gorda, talvez pudesse ter sido modelo. Com uma cara daquelas, iria longe, sem dúvida, mas com aquele corpo gordo e desleixado, nunca.

Jaime detestava gente desleixada.

Era dia vinte e três de dezembro e a seguradora preparava-se para fechar durante os dois dias de Natal.

Às dezassete horas, chegaram ao Departamento de Rejeições, colegas dos outros pisos e departamentos, e começaram a arrastar as secretárias, formando uma grande mesa ao centro e encostando as outras às paredes. Era tradição fazer-se ali a festa de Natal da empresa. Todos levavam comida e bebida, um tipo de barbas no Departamento de *Marketing*, que gostava de ter sido DJ, tratava de montar o sistema de som e era o responsável pela *playlist*,

outros divertiam-se a ligar luzes de Natal e a decorar o espaço com todo o tipo de coisas alusivas à quadra. Era o tipo de confusão que Jaime odiava.

Sentado em frente ao computador, tentava concentrar-se no *e-mail* de resposta do advogado que representava uma mulher que ficara paralisada do pescoço para baixo, depois de o carro onde seguia ter ido chocar contra uma árvore. No relatório da polícia, lia-se que o embate se dera na sequência de a condutora se tentar desviar de um veículo de alta cilindrada, que seguia em excesso de velocidade. O condutor não parara para prestar auxílio, fugindo da cena do acidente. Era um processo que durava há mais de um ano e agora chegara o *e-mail* com a ordem judicial que exigia o pagamento.

Estavam a pedir-lhes um milhão. Um milhão! Jaime sabia que não ia conseguir ter paz de espírito se uma quantia daquelas fosse entregue num processo seu. Sentia as faces a arder de revolta. Quem é que aquele advogado de merda pensava que era para vir exigir um milhão?! Apetecia-lhe ir ao escritório do tipo e partir-lhe a cara toda. O que faria uma mulher que só mexe a cabeça com um milhão?! Era uma afronta e um absurdo. Não. Não num processo dele. Tinha de haver uma saída. Não era só a parálitica que tinha advogado. A seguradora também os tinha, uma equipa inteira deles, capazes de meterem recursos infinitamente, se a chefia assim entendesse.

As músicas e as luzes de Natal, os risos e o alvoroço estavam a tirá-lo do sério. Seria ele o único a preocupar-se com a empresa? Como podiam todos aqueles idiotas comemorar quando ele se preparava para entregar um milhão a uma gaja qualquer que nada fizera para merecer uma quantia assim?

— Jaime _____ secreto! — disse-lhe Solange, surgindo de repente e colocando-lhe um barrete de Pai Natal na cabeça.

— O quê?! — perguntou Jaime, assustado e confuso. Não ouvira sequer a pergunta. O que é que aquela queria agora?

— Vamos sortear o amigo secreto! — repetiu Solange, com um sorriso rasgado e franco na sua cara bonita.

— Que tenho eu com isso? — gritou-lhe, possesso. — Não consegue ver que estou a trabalhar?

— Jaime, venha daí! — lançou o chefe do departamento, do outro lado da sala. — Não quero mais computadores ligados por hoje.

Jaime revirou os olhos e respirou fundo. Detestava aquele idiota. Não percebia como podia ter conquistado a confiança da direção. Chamava-se Marcos Mota, o que era em si um nome bastante estúpido, e tinha entrado para a seguradora ao mesmo tempo que ele. Tinha uns olhinhos pequenos e chegados como uma ratazana, e pairava pelo escritório ao sabor da brisa cínica da camaradagem, como se fosse uma espécie de balão de paternalismo e condescendência, que Jaime abominava. Sonhava com o dia em que lhe espetava um alfinete aguçado e o via sair disparado pela janela e desaparecer no horizonte.

Solange voltou a falar. A sua voz era doce como algodão.

— Venha. É a troca de prendas, tem de vir.

Não havia como escapar, respirou fundo, mais tarde acabaria de responder ao advogado.

Com a sorte com que estava, calhou-lhe em amigo secreto a Amélia que, com a sua voz de gárgula perfumada com «*Eau de SG Ventil*» fez questão de lhe dar um abraço em agradecimento pela garrafa de licor. Jaime dava todos os anos uma garrafa de licor.

Recebeu um cachecol com desenhos de azevinho e flocos de neve, de uma tipa da contabilidade de quem nunca se conseguia lembrar do nome. Logo o daria ao primeiro mendigo que encontrasse no caminho para casa, e estaria feita a boa ação do ano.

Para não variar, a festa estendeu-se até depois das dez da noite, com direito a todas as cenas lamentáveis que já eram tradição. Música ao género de bailarico vulgar, bebedeiras com sangria barata, comboios deprimentes e a maluca da Anabela das

relações-públicas, com uma das suas minúsculas saias de napa, a dançar em cima da mesa e a impingir a toda a gente a interpretação aberrante de um fadinho, seguido de um discurso lamechas, que todos os anos era igual.

Jaime olhava para aquele bulício sem conseguir, por um instante que fosse, tirar da cabeça o processo da mulher paralisada.

Tinham tentado meter conversa e puxá-lo para dançar, mas Jaime respondera com a distância e frieza habituais. Queria somente que aquele disparate acabasse e que todos se fossem embora. Só aí poderia voltar para a frente do computador e pensar com a paz que a situação exigia. Deixou-se ficar a um canto a comer vagarosamente uma sandes de leitão, como se do interior de uma cápsula invisível observasse aqueles seres bárbaros de uma civilização inferior.

Finalmente, um a seguir ao outro, todos começaram a despedir-se e a sair. Era uma das vantagens de não ter família. Ao contrário daquele bando de idiotas, Jaime era livre. Não tinha horas para chegar a casa e não devia satisfações a ninguém. Tinha estado com Isabel dois dias antes, portanto nem a esse compromisso estava obrigado. Podia ficar até de madrugada a trabalhar, se lhe desse na gana. Conhecia o segurança noturno há mais de dez anos, não era a primeira vez que o deixava ficar depois de todos saírem.

Quando por fim se viu sozinho, apagou as luzes do piso e ligou o computador. Sentiu o rosto banhado por aquela luz branca que o tranquilizava. O escritório tinha ficado numa imunidade, mas naquele momento Jaime não podia deixar-se distrair com isso.

Anexo ao *e-mail* do advogado, vinha uma dúzia de documentos que era preciso ler atentamente, rezando para que faltasse alguma vírgula, ou para que uma morada, nome ou número tivesse algum tipo de incorreção. Era comum encontrarem-se esses pequenos erros em processos daquele tamanho, meras gralhas, mas que

tinham o poder, caso assim alguém o requeresse, de travar tudo, protelando o desfecho dos autos por mais algum tempo.

Estava a ler a memória descritiva e o orçamento das obras de adaptação, a levar a cabo na casa da paralísada, quando subitamente foi encadeado por uma luz intensa. Ainda teve tempo para ver a parte da frente de um luxuoso carro prateado antes de dar por si a ser lançado em direção aos céus num voo lento, rodeado por milhares de estilhaços de vidro e folhas de papel.

Acordou sobressaltado. Merda de pesadelo, nem dera por adormecer. Estava visto que já não estava em condições para terminar o trabalho. Amanhã de manhã voltaria. Desligou tudo e saiu. Faltavam dez minutos para a meia-noite.

— Feliz Natal — desejou-lhe o segurança noturno, quando Jaime atravessou a portaria.

— Boa noite — respondeu Jaime, sem virar a cara.

Até casa distavam uns trezentos metros e não mais. Jaime tinha comprado aquela casa pela proximidade à seguradora.

Quando chegou à porta e meteu a mão na algibeira do sobretudo, percebeu imediatamente que não tinha a chave. Pensou um pouco e lembrou-se de que a deixara na secretária. Já não era a primeira vez. Não gostava de deixar coisas nos bolsos do casaco, que ficava no bengaleiro à entrada. Levava tudo para a secretária e, uma vez por outra, acontecia-lhe uma destas. Não era grave, outra caminhada até lhe faria bem.

Apressou o passo e em menos de cinco minutos estava de volta. Encontrou o edifício fechado. Tocou à campainha, mas não havia sinal do segurança noturno. Ia voltar a tocar quando reparou numa folha A4 colada por dentro, a informar que a seguradora estaria encerrada até dia vinte e seis de dezembro.

Por esta é que não esperava.

Bom, por certo no dia seguinte viria um segurança fazer a ronda da manhã. Não lhe restava outra solução senão esperar.

A noite estava fria, mas era suportável, tendo em conta a altura do ano. Após uma breve reflexão, decidiu que iria deambular pela cidade até de manhã. Era demasiado forreta para pagar o que os hotéis cobravam por um quarto. E, pensando bem, teria de aguentar apenas seis ou sete horas até conseguir recuperar as chaves de casa. Há coisas piores.

Foi andando, primeiro pelas avenidas e alamedas mais largas da cidade, mas logo abraçou as outras mais estreitas e sombrias que, por terem menos gente e menos decorações luminosas, lhe agradavam mais.

Àquela hora da noite, as ruas adquiriam um aspeto diferente, surpreendente para ele. Era raro estar fora de casa até tão tarde. Era como se visse a cidade pela primeira vez.

Ao fim de um bocado, desembocou numa praça sem saída que não se lembrava de ter visto antes, mas talvez fosse o efeito de estranheza causado pela luz reflexa e pela escuridão.

A arquitetura vitoriana das casas fê-lo aproximar-se. Gostava daquele tipo de mansões senhoriais, apesar de aquelas parecerem estar, há muito, votadas ao abandono. Uma após a outra, todas emanavam o charme e altivez de outras eras. Não compreendia como podiam ter sido deixadas assim a apodrecer.

Foi avançando, observando as fachadas, muros e portões trabalhados, como se estivesse num museu, até se aperceber de que na última casa, ao fundo, havia luz e movimento.

Não se podia dizer que Jaime fosse um homem curioso, mas, por algum motivo, não pôde deixar de se aproximar.

À entrada de um palacete com ar decrépito, um grupo de mascarados fazia fila para entrar. Foi atraído pelo facto de os trajes que usavam serem de luxo, bem como as máscaras, adornadas com pedras preciosas, pérolas, arabescos cor de ouro ou prata e penas de pavão. Nunca tinha visto nada semelhante.

Uma mulher com uma sumptuosa máscara veneziana virou-se para trás, deitando-lhe um olhar de surpresa.

— Não o tinha visto — desculpou-se, atrapalhada. — Entre, a festa não começa sem si.

Não se atreveu a responder. As palavras dela encerravam um tom enigmático que tinha tanto de submisso como de tirano. Era óbvio que o estava a confundir com outra pessoa, mas não se sentiu capaz de desobedecer. Apesar da máscara, podia ver que se tratava de uma mulher extraordinariamente bela.

Entrou sem ser capaz de a encarar novamente.

Para sua surpresa, o interior do palacete em nada se assemelhava ao exterior. Um salão sumptuoso, capaz de fazer corar de vergonha muitos palácios parisienses, estendia-se por uma área com mais de trezentos metros quadrados. As paredes eram forradas por um tecido aveludado cor de vinho com desenhos delicados em tons marfim. Sobre os móveis, dezenas de candelabros iluminavam o espaço com a luz bruxuleante e bailarina de centenas de velas.

Avançou, levado pelo deslumbramento dos incautos, que como Ícaro se arriscam a ficar queimados, atraídos pela perigosa imagem de um sol que não conhecem.

Estava tão absorto na admiração da sala que demorou a perceber que todos os mascarados o fitavam.

Primeiro pensou que era natural, afinal ele era o único que tinha o rosto descoberto, e também a roupa o denunciava: *jeans* pretos e sobretudo preto (Jaime só vestia preto), em vez de um traje fantasioso ou de época. Mas depois teve a estranha sensação de que baixavam ligeiramente os olhos e a cabeça quando ele passava, como se o fizessem em sinal de respeito.

Um homem com um fabuloso traje e máscara de corvo esticou-se na sua direção e, com um sorriso indecifrável, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Obrigado.

Jaime sentiu-lhe a respiração quente e húmida por baixo do bico e penas negro-azulados, e isso incomodou-o terrivelmente.

Preparava-se para sair quando pôs os olhos numa máscara de arlequim dourada, abandonada num canapé de veludo azul. Instintivamente, sem saber por que raio o fazia, precipitou-se para ela e, assim que a colocou, sentiu um súbito conforto, como se até àquele instante tivesse estado nu e só agora se cobrisse.

— Está tudo do seu agrado? — a voz sedutora pertencia à mulher da máscara veneziana.

Como uma serpente na areia, tinha-se aproximado sem ele dar por nada.

— Penso que sim — respondeu, abalado. — Não sei bem dizer.

— Vejo que há alguma coisa a preocupá-lo — continuou ela na sua voz melosa.

— Coisas de trabalho. Nada que não se resolva.

A mulher foi-se chegando mais, até estar a um palmo da cara dele.

— Incomoda-o. Essa coisa do trabalho. Está a incomodá-lo como um espinho na planta de um pé.

— Não diria tanto. Tenho a situação sob controlo.

— Acha que está a fazer tudo o que pode para eliminar esse seu problema?

— Não é um problema meu. É um assunto de trabalho.

— Inquieta-o. Domina os seus pensamentos.

— Não. Já lhe disse que não — retorquiu, agressivo. — Porque é que está a insistir?

Ouvia-se uma música ao estilo *piano bar*, com a bizarra característica, que Jaime só nesse instante reparou, de as notas serem repetidas e marteladas, tirando toda a fluidez à melodia.

— Não devias ter segredos comigo, Jaime. Eu estou aqui por ti — soprou-lhe a mulher, tratando-o subitamente por tu, numa tonalidade de voz mais profunda.

— O que é suposto isso querer dizer? Não a conheço de lado nenhum.

— Mas eu conheço-o. E isso é o mais importante, não lhe parece?

— Quem é a senhora? Não me lembro...

— Devia concentrar-se no futuro. O passado está fora do seu alcance e mesmo o presente pode verificar-se bastante duvidoso.

— Não percebo...

— O poder que tem nas mãos vem com uma responsabilidade. Vai descobrir.

— Vou-me embora — anunciou, nervoso.

— Espere — a mulher agarrou-o pelo pulso. — A festa ainda mal começou. Fique comigo. Não tem onde dormir esta noite.

— Como é que sabe disso? — inquiriu.

— Não se assuste, foi você mesmo que mo disse.

— Não lhe disse nada — contestou, irritado.

A mulher sorriu. Tinha os lábios pintados de vermelho e uns dentes perfeitos.

— Há coisas que se dizem sem falar.

A música do estranho piano-bar começou a evoluir para uma sonoridade diferente, uma orgia de instrumentos que produziam uma espécie de *jazz* descontrolado e psicótico.

Um empregado, de *smoking* e máscara de cavalo, aproximou-se com uma bandeja e a mulher retirou duas bebidas.

— Beba — ofereceu-lhe. — Vai ajudá-lo a descontrair.

Num gesto que pretendia ser de afronta, Jaime engoliu, de um só trago, a bebida de aspeto sofisticado. *Vodka*. Não era a sua preferida, mas conhecia-a bem. Antes que o empregado se afastasse, retirou outra taça da bandeja.

A música estava cada vez mais alta.

— Não me vai dizer de onde é que nos conhecemos? — perguntou.

— Não nos conhecemos. Essa é a beleza de tudo isto.

Nesse momento, como um murro, sentiu o primeiro golpe. Uma dor aguda no estômago, um calor a subir-lhe pelo peito.

Como uma serpente na areia, viu a mulher da máscara veneziana ao fundo da sala. Era incrível a rapidez com que se tinha movido de um ponto para o outro. Quis ir ao encontro dela, mas uma tontura fê-lo ficar onde estava.

A música estava cada vez mais alta e absurda, com ritmos tribais, selvagens, insuportáveis.

As ondas de dor iam e vinham, com espaçamentos cada vez menores, queria sair, mas não conseguia mover-se. Transpirava profusamente e sentia a cabeça prestes a explodir. Quis gritar, mas da boca aberta não saiu um único som.

Do outro lado da sala, a mulher da máscara veneziana acenou-lhe, balançado pausadamente os dedos separados. O ar era quente e saturado, seria uma questão de tempo até deixar de respirar.

Sentia o chão mover-se debaixo dos pés, desenhando círculos e espirais, e, por muito que tentasse manter-se à tona, havia uma força centrípeta e inflexível que o sugava para aquele exato lugar.

Os restantes convidados pareciam não sofrer com este tumulto, dançando energeticamente no centro da sala, num meneio libertador que mais parecia uma luta para entrar ou sair de um transe, ou um ritual primitivo de convocação dos elementos.

Fechou os olhos para tentar controlar-se. Pensou no processo da paralisada e no milhão que precisava evitar que recebesse. Esse pensamento fê-lo recuperar a confiança. Era a sua função no mundo, a sua palavra a dizer. Sentiu o coração a regressar ao seu compasso normal de adágio, e seguro de se conseguir libertar, abriu os olhos.

Os joelhos perderam força e as pernas tiveram de invocar músculos inesperados para evitarem que Jaime desabasse.

No centro da sala, dançando em frenesim, os convidados tinham-se transformado em coisas metade humanas, metade bichos, como criaturas condenadas à danação eterna.

Mulheres com cabeça de tigre, de cobra ou de raposa, homens-javali, com ramos cascudos no lugar de braços, repletos de folhagem e pontas aguçadas.

Algumas destas criaturas fornicavam ao ritmo frenético da música, outras lutavam como feras que eram, usando dentes e garras.

Duas mulheres com tronco e cabeça de hiena vieram buscá-lo, fazendo com que o barulho dos seus sapatos de salto alto e o da barra de seda dos seus vestidos a arrastar pelo chão se sobrepujassem a todos os outros.

Jaime tentou debater-se, mas já nem os olhos conseguia fechar. *Vão devorar-me*, pensou. Viu-se deslizar para o centro da sala e subitamente todos os olhos se viraram para si.

A música parou sem se fazer notar. Quando Jaime deu por isso, já não se ouvia, como se nunca tivesse de facto tocado.

À medida que se aproximavam, as criaturas olhavam-no com curiosidade e espanto. Formavam agora um muro bizarro, composto por hastes, presas e orelhas, pelagens de diferentes cores e padrões, que se fechava em seu redor.

Olhou para cima. No teto, um enorme lustre de cristal com centenas de peças, cintilava todas as cores do universo. Concentrou-se numa delas que, em forma de pera, oscilava como um pêndulo de Foucault, capaz de medir, e, quem sabe até, talvez inverter a rotação da terra.

2

A primeira coisa que sentiu foi frio nos pés, se bem que chamar frio àquilo era um eufemismo inaceitável. Tinha os pés gelados, rígidos como pedra, o que lhe causava uma dor horrível.

A segunda coisa que sentiu foi vento a fazer a gola do sobretudo bater-lhe no pescoço como um chicote.

Abriu os olhos. Reconheceu imediatamente o lugar. Tinha amanhecido e havia cerca de duas dezenas de pessoas a deambular por ali. Essencialmente famílias com crianças pequenas, que invariavelmente o olhavam com receio, ou apenas com o desdém que sobra dele, quando passavam e viam os seus pés sujos e descalços.

Estava sentado num banco de jardim do parque mais movimentado da cidade. Não fazia ideia de como tinha ido ali parar, ou como raios tinha acabado sem sapatos e meias.

Olhou para o relógio: nove horas e dezassete minutos. O sol já ia alto. Lembrava-se da festa, do palacete e dos mascarados, e de como tudo aquilo tinha perdido o controlo, mas estas memórias figuravam-se-lhe difusas e distantes. Era óbvio que lhe tinham metido alguma coisa na bebida. Lembrou-se da mulher da máscara veneziana, do seu batom vermelho e dentes perfeitos, e de como se aproximava e se afastava como uma serpente na areia. Pensou no processo da mulher paralisada. Irene, ela chamava-se Irene.

Sentia-se confuso. Imagens da noite passada assaltavam-no numa sucessão de *flashes*, planos apertados de pormenores, retalhos do intangível.

Um miudito, parado a uma dezena de metros, apontou para ele e segredou alguma coisa ao pai. O homem, que vestia um

fato de treino de marca, deitou-lhe um olhar destemido e segredou alguma coisa à mulher, que, ato contínuo, brindou Jaime com a mesma expressão de desconfiança. O miúdo não parava de apontar.

Jaime detestava que o olhassem assim, e sem sapatos e meias sentia-se completamente nu.

Levantou-se e lançou-se pelo parque abaixo, sem olhar para trás. A primeira coisa que tinha de fazer era parar numa sapataria. Não podia entrar no edifício da seguradora de pés descalços.

Nem precisava de se desviar, o que não faltava eram lojas pelo caminho. Parou diante de uma montra que anunciava saldos até setenta por cento, em letras garrafais. Escolheu umas botas de couro, com sola de borracha. Era o tipo de coisa que nunca passava de moda e estavam a bom preço. Pensou que era uma compra inteligente, tinham ar de aguentar bem o rigor do inverno, iam durar bastante tempo. Seria a prenda que daria a si próprio neste Natal. Com o trabalho, ainda não tinha tido tempo para pensar nessas coisas.

Felizmente, não tinha deixado a carteira junto às chaves, nem a perdera na mansão dos horrores da noite passada. Que raio se tinha passado ali, afinal?

Chegou à seguradora faltavam poucos minutos para as dez da manhã. Foi uma sorte ainda encontrar alguém. Bem podia agradecer a imundice em que os colegas tinham deixado o quarto piso; as mulheres da limpeza tinham demorado mais duas horas do que o costume a limpar e a deixar as coisas arrumadas.

O conjunto de chaves lá estava onde o tinha deixado, entre a janela e o computador. Lembrou-se do pesadelo com o carro prateado.

Aquela tinha sido, de longe, a noite mais estranha de toda a sua vida.

Decidiu imprimir o processo da paralisada, Irene, de quarenta e cinco anos, e ainda o despacho do juiz e os *e-mails*

do advogado. Assim como assim, não tinha planos para os feriados, teria mais que tempo para adiantar trabalho no computador de casa, ler cada linha calmamente, até encontrar uma brecha por onde pudesse entrar e destruir o caso.

Sim, isso ia fazer-lhe bem.

Sentia-se estranho. Poderia pensar-se que era o corpo a vingar-se pela noite de copos, afinal não estava habituado a beber assim, mas não era isso. Aquilo que sentia não era exatamente uma má disposição, nem tão pouco se podia dizer que fosse físico. Era mais uma sensação. Como uma hipersensibilidade a todas as coisas.

Havia de passar.

Meteu as folhas, ainda quentes, numa pasta de cartão com o logótipo da seguradora e saiu.

Lembrou-se de que não comia há mais de quinze horas e, em simultâneo com este pensamento, foi atingido por uma fome avassaladora e irrequieta. Na primeira pastelaria que encontrou, devorou três bolos, uma tosta mista e dois leites achocolatados, depois passou por uma churrascaria e pediu dois frangos, batatas e um pão rústico para levar. Sentia-se capaz de comer tudo o que lhe pusessem à frente. Nunca tinha sentido um apetite assim.

Finalmente em casa, despiu-se e entrou para o duche. Estranhou a necessidade de temperar a água. Por norma, gostava dela bem quente, quase a queimar, virava a torneira toda para o lado que tinha a marca vermelha e ficava ali até a pele ganhar o mesmo tom. Mas daquela vez não. Assim que o primeiro jato quente lhe tocou, desviou-se como se tivesse levado um choque elétrico. Foi virando a torneira para o lado da marca azul até a água estar apenas tépida, e só assim conseguiu tomar um duche minimamente satisfatório.

Depois de limpar frango e meio, abriu a pasta e começou a ler.

Irene Saraiva, quarenta e cinco anos de idade, feitos dois dias antes do acidente. Conduzia um *Opel Astra* cinzento de 2009, eram vinte horas e sete minutos, chovia...

O telefone tocou. Jaime detestava ser interrompido quando estava a trabalhar.

— Sim? — atendeu, secamente.

— Olá. Estás bem? — perguntou Isabel, do outro lado da linha, com a sua voz de coelho assustado.

— Tudo bem, estou por aqui. O que é que queres?

— Já te tinha tentado ligar para o telemóvel. Porque é que não respondes às minhas mensagens?

O telemóvel, porra. Tinha-se esquecido completamente do telemóvel, e a verdade é que não lhe pegava desde ontem. Tinha-o usado para procurar hotéis baratos nas proximidades, missão que se tinha revelado impossível.

— Ligo-te mais tarde — disse, desligando o telefone.

Procurou nos bolsos do sobretudo, mas não havia sinal do aparelho. Tê-lo-ia perdido na confusão da festa? Se tivesse caído, o mais certo era alguém o ter encontrado e entregado à organização. Ninguém ia querer ficar com aquele telemóvel velho e ultrapassado, com o ecrã rachado de cima a baixo. Ainda para mais, para o desbloquear, era necessária a sua impressão digital e um código de seis números.

Para outra pessoa, aquele telemóvel não apresentaria qualquer valor, mas, para ele, era da maior importância. Era lá que tinha os contactos pessoais das chefias, bem como de alguns clientes relevantes. Era imperativo recuperá-lo.

Calçou-se, vestiu o sobretudo e saiu em passo acelerado.

Uma festa daquelas, um espaço assim com dezenas de convidados, era mais que certo que hoje lá estaria, em plena azáfama, uma qualquer empresa de limpezas, com várias mulheres a trabalhar por muitas horas. Ainda era cedo, não devia haver problema. Teriam certamente uma zona reservada aos perdidos e achados, não teria sido ele o único a esquecer-se de algo, no meio daquela confusão.

Virou para a praça sem saída. Era incrível como a luz do dia lhe retirava todo o charme. As moradias abandonadas, vistas

assim sem o filtro embelezador que a noite dá a todas as coisas, nada tinham de senhoriais, nem faziam ecoar a elegância de outras eras. Os jardins por detrás dos gradeamentos não passavam de um alto emaranhado de ervas daninhas, e as fachadas estavam cobertas de *grafitis* sem sentido, de palavras de ordem, de símbolos partidários e obscenidades.

Pensou em como lhe daria prazer castigar os idiotas que tinham feito aquilo. Era um tipo de gente que não conseguia suportar.

Desviou os olhos, incomodado, e avançou ao longo da praça em direção ao palacete.

Pensou nas palavras que ia dirigir à pessoa que o recebesse. Não queria que pensassem que era mais um imbecil que bebe demais e depois deixa tudo em qualquer lugar. Era incapaz de compreender aquele tipo de pessoas que perdiam a compostura e a noção do ridículo e se transformavam numa versão burlesca de si próprios. Não, diria com toda a calma que tinha estado na festa por breves momentos e que acreditava ter-se esquecido do telemóvel em cima do aparador. Isso chegaria para dissipar da imaginação da pessoa, qualquer imagem desprezível dele caído inconsciente num sofá, ou coisa pior.

Mas ainda não tinha chegado ao portão e já o coração lhe caíra aos pés. Um arrepio percorreu-o por dentro, agudo e penetrante como um relâmpago.

O palacete estava fechado. Correntes grossas e enferrujadas entrelaçavam-se nas grades do portão de ferro, as janelas estavam emparedadas com tijolos e cimento e nas escadas de granito branco que davam acesso à porta principal, rompiam ervas e abundavam dejetos de animais. Era impossível ter acontecido ali uma festa na noite anterior.

Recuou alguns passos e olhou em redor, para ter a certeza de que não se enganara na casa, mas não havia dúvida. Era aquele o palacete onde tinha estado, aquela a escada onde tinha visto pela

primeira vez a mulher da máscara veneziana. Poderia descrever de memória cada recanto, cada móvel e cada objeto presentes no salão.

Preso à sacada da varanda principal, podia ler-se, por cima de um número de telefone, a palavra «Vende-se» em letras excessivas em tamanho e em cor.

Jaime sentiu as pernas fraquejarem. Seria possível ter sonhado tudo? Não. Era perfeitamente capaz de distinguir um sonho da vida real. Pensou na festa de Natal da seguradora. Talvez tivessem sido eles a drogá-lo, o que não faltava por ali era gente que não gostava dele, bem capazes de acharem divertida uma coisa assim. Se fosse o caso, e aí havia de se vingar, estavam explicados os devaneios.

Tinha ouvido falar de várias drogas capazes de provocarem reações daquelas.

Olhou novamente: o palacete não passava de uma ruína, um fantasma a aguardar a libertação. Quem comprasse aquele detrito arquitetónico, seria certamente com a intenção de o demolir para construir um prédio. Era o que fazia sentido, em termos de lucro.

Veio-lhe ao pensamento o momento da festa em que não tinha conseguido mexer-se e isso fê-lo pensar em Irene. Irene Saraiva, de quarenta e cinco anos de idade, sem mobilidade do pescoço para baixo.

Sentia-se estranho. Uma brisa suave batia-lhe na cara, mas a sensação era a de ser tocado por milhares de minúsculas agulhas.

Estava outra vez com uma fome tremenda, o que não fazia sentido nenhum, visto que ainda há menos de duas horas tinha devorado frango e meio e um pacote de batatas. *Efeitos da maldita droga*, pensou.

Quando voltasse ao trabalho, havia de descobrir os responsáveis pela partida, que aquilo era coisa para ter sido engendrada em grupo, podia até imaginar as gargalhadas que tinham sido dadas às suas custas, e não descansaria até conseguir que fossem

todos postos na rua, sem direito a indemnização, que uma coisa daquelas era matéria para uma ação de despedimento com justa causa. E depois havia de apresentar queixa na polícia, levá-los a tribunal, arrastar aquilo até às últimas consequências.

Drogar um colega era um crime grave. Podia ter-se magoado seriamente, podia ter sofrido um acidente, ou ter sido roubado.

Pensou no telemóvel e em todos os contactos importantes que teria dificuldade em recuperar, e subitamente foi injetado por uma raiva brusca que não conhecia, que se materializou num violento e sonoro pontapé no portão. Os cabrões haviam de lhe pagar um novo.

De volta a casa, acabou com o meio frango que sobrara e despachou tudo o que encontrou no frigorífico. Já tinha comido mais nessa tarde do que numa semana de trabalho. Era uma coisa avassaladora.

Discou os números do apoio ao cliente da operadora com quem mantinha, há anos, contrato para a Internet de casa, para os canais de televisão e para o telemóvel. Tinha de os informar de que ficara sem ele e pedir uma nova via do cartão SIM.

Fazia questão de manter o número. Não é que muita gente o tivesse, muito menos que o utilizasse, avisar as pessoas dessa mudança seria uma tarefa que não lhe levaria mais do que uma meia dúzia de mensagens, mas nunca tinha tido outro e gostava dele. Principiava e terminava em nove, o que além de representar por si só uma coerência, algo que Jaime apreciava, era também o maior dos algarismos.

Jaime tinha com os números uma ligação mais estreita e íntima do que com qualquer ser humano. A ordem e a exatidão eram as características que mais apreciava no mundo, e ninguém as proporcionava com o rigor e a lisura dos algarismos.

Depois de, com a tecla três, ter selecionado ser atendido por um operador, ficou a ouvir, em *loop*, uma música clássica daquelas que já tinham sido usadas numa mão-cheia de anúncios televisivos.

Jaime detestava esperar. Ao fim de dez minutos estava pronto para desligar e estilhaçar o telefone contra a parede. Tentaria numa hora de menos tráfego, à noite, durante o jantar de Natal, altura em que não haveria tanta gente a ligar. Já não podia ouvir aquele *moderato cantabile* uma vez mais que fosse: Eis como destruir irremediavelmente um Chopin, quando subitamente, depois de uns instantes de silêncio, a música foi substituída por outra que lhe pareceu familiar.

A melodia era agradável e conciliava vários instrumentos numa sinfonia hipnótica. Quanto mais ouvia, mais certeza tinha de a conhecer.

A resposta demorou a chegar, e Jaime, inquieto, foi deixando crescer em si a bizarra sensação de o telefone estar a criar um campo magnético à sua volta. *É apenas a ansiedade*, pensou.

— Estou aqui — disse por fim, do outro lado da linha, uma voz fragilmente gutural cuja tessitura tornava impossível perceber se se tratava de um homem ou de uma mulher, mas que a Jaime soou estranhamente como o eco de uma memória longínqua.

— Boa noite. Perdi o telemóvel e duvido muito que o consiga recuperar. Quero ficar com o mesmo número — disse, animado por terem finalmente atendido.

— Estou aqui — repetiu a voz.

— Desculpe? O que é que isso...

Do outro lado da linha, uma espécie de choro abafado despontou daquela respiração pesada. As palavras pareciam obrigadas a romper camadas de nevoeiro denso para ali chegarem.

— Lembra-te de mim. Eu estou aqui por ti.

— Quero manter o número de telemóvel, é só isso.

— Não tenho mais tempo — continuou, no mesmo tom, a voz do outro lado da linha.

— Quem fala? — perguntou Jaime, inquieto e acometido por um vestígio de alguma memória insondável.

— Tu sabes. Lembra-te de mim — repetiu.

E as palavras seguintes soaram pesadas como chumbo, como se tivessem anos de intervalo entre si.

— Eu estou aqui por ti.

Jaime nada disse, sentia-se preso num redemoinho mental. Tudo aquilo lhe parecia assustadoramente palpável. Como um cheiro ou sabor que nos atinge, certo, numa memória que, por ser da infância, está perdida no nosso subliminar oceano pessoal.

Temia que, ao dar espaço ao pensamento, chocasse com um raciocínio inconcebível que não queria enfrentar. Nada o abalava tanto como a ideia de enlouquecer.

Com apenas sessenta anos, a sua mãe tinha fracassado na batalha contra a demência. Uma batalha suja e desleal que terminara no total olvido. Um corpo vivo sem mente, como um invólucro esvaziado.

Do outro lado da linha, a respiração arquejava num estertor que, não sendo de morte, só podia pertencer a quem desejasse muito a vida. Pareceu reunir as forças que guardava nos mais ínfimos recantos de si para falar uma última vez.

— Não podes fugir para sempre. Por favor. Lembra-te de mim.

O pêndulo de cristal soltou-se do lustre e despenhou-se no chão, estilhaçando-se em milhares de fragmentos cintilantes.

— Tu... — murmurou Jaime, transido por um pavor rastejante. — Silêncio. Depois, vácuo.

— Apoio ao cliente, em que posso ajudá-lo? — perguntou uma mulher com voz sorumbática.

— Eu estava a falar com outra pessoa. Passe-lhe, passe-lhe imediatamente! — bradou Jaime, perturbado.

— Neste momento, não há mais nenhum colega disponível. O problema a tratar está relacionado com televisão, Internet...

Jaime desligou a chamada, a tremer da cabeça aos pés. Lembrava-se agora, a música era a mesma que ouvira no palacete. A mesma que tinha evoluído até um ritmo tribal.

Quem era aquela criatura com quem acabara de falar? Conhecia-a muito para lá da voz, sentia-o em cada fibra do seu corpo. Meu Deus, o que é que lhe estava a acontecer?

Súbita e inexplicavelmente, veio-lhe à imagem o rosto da mulher da máscara veneziana, que lhe dera uma bebida e ia e vinha sem se fazer notar. Não, não era possível, tinha estado em frente ao palacete e sabia que nada do que recordava da festa podia ter acontecido.

Depois, parou. Obrigou-se a respirar fundo lentamente.

**«HÁ FANTASMAS QUE SÃO ASSIM,
ENFIAM-SE POR TODAS AS REENTRÂNCIAS
DA ESCURIDÃO, ESVOAÇANDO ENTRE
E ATRAVÉS DE NÓS, ECOANDO NAS NOSSAS
COSTAS QUANDO CAMINHAMOS SOZINHOS.»**

Jaime é um sombrio e solitário analista de seguros, especializado em processos de acidentes de viação. Como se o dinheiro saísse do seu próprio bolso, vive obcecado com o propósito de impedir que indenizações sejam atribuídas aos lesados. Confrontado com a decisão judicial de pagamento de uma soma avultada a uma misteriosa mulher que sofreu um acidente, entra numa espiral de absurdidade que terminará com uma descoberta chocante.

Depois de um bizarro baile de máscaras dá-se conta de que perdeu a capacidade de dormir, embarcando numa odisseia surreal, feita num estranho estado de vigília que só terminará quando aquilo que o sono esconde se revelar finalmente.

Mafalda Santos, também autora de *Enquanto o Fim não Vem*, vencedor do prémio ATAEGINA 2024 para Livro Publicado, é uma das vozes mais originais da ficção portuguesa.



**Clube das
Mulheres
Escritoras**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-512-6



9 789895 835126